

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gisele Francisca Silva Fonseca

O CORPO E AUTO CUIDADO: ADOLESCÊNCIA E SEU PATRIMÔNIO

Congonhas

2012

Gisele Francisca Silva Fonseca

O CORPO E AUTO CUIDADO: ADOLESCÊNCIA E SEU PATRIMÔNIO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora:
Prof^a Maria Luiza Grossi Araújo

Congonhas

2012

Gisele Francisca Silva Fonseca

O CORPO E AUTO CUIDADO: ADOLESCÊNCIA E SEU PATRIMÔNIO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora:
Prof^a Maria Luiza Grossi Araújo

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Maria Luiza Grossi Araújo – Faculdade de Educação da UFMG

Prof^a Luana Campos Martins – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Analisar o comportamento dos adolescentes frente ao cuidado com seu corpo, sua percepção quanto às mudanças e maturidade sexual, como reage frente à uma gravidez não planejada, a participação da família e o impacto com a vida escolar. Enfim, como a família e escola podem juntas orientar, apontar caminhos e ajudar a resolver conflitos, sem ultrapassar os limites da individualidade desses adolescentes que adoecem frente às mudanças intensas dessa fase de suas vidas, sem contar, muitas vezes, com o afeto, presença e a palavra mais certa da família. As influências externas como mídia, turma, moda, tendem a difundir valores nem sempre positivos aos nossos olhos. Tais influências, quando mal conduzidas ou em excesso, muitas vezes, levam os jovens a tomar atitudes que podem ir contra a sua integridade corporal. A utilização de *piercings*, tatuagens, corte de cabelos e vestimentas específicas aos segmentos e grupos de jovens são algumas das expressões típicas daquelas influências. Não cabe a nós fazer juízo de valor, ou seja, se essas intervenções corpóreas são certas ou equivocadas, porém, muitos jovens chegam a se *mutilar* com agulhas, alfinetes, objetos metálicos cortantes e, até mesmo, lápis e canetas, na busca de uma marca *identitária*, características desse modismo e/ou dos excessos para, ao que tudo indica se tornarem mais atraídos e/ou atrativos. Esta pesquisa realizada na Escola Municipal “Rosália Andrade da Glória”, periferia de Congonhas, tem como propósito levar os adolescentes a refletirem sobre seu maior patrimônio, o *corpo*, tomando decisões mais conscientes e embasadas pela percepção de que ele é o principal agente criador e transformador do seu projeto de vida. Faz parte da vida de muitos adolescentes desta escola o abandono, a violência doméstica, o trabalho precoce, o abuso sexual, a prostituição e o aliciamento de menores. Esse panorama social nos motiva a contribuir, para que, através da informação, reflexão e principalmente o diálogo esses jovens possam compreender o corpo como seu patrimônio mais particular e íntimo. O produto pedagógico desta pesquisa é a produção de um conjunto de registros fotográficos que procura documentar a vida dos adolescentes que se encontram nesse quadro de aniquilamento humano através das cicatrizes que imprimiram em si mesmos (por dentro e por fora). Em médio prazo pretendo elaborar um vídeo documentário contendo entrevistas com esses adolescentes e

familiares, questionando sobre suas descobertas, concepção de vida, dúvidas e receios, aceitação da família, vida estudantil, projetos de vida e sonhos profissionais, e outras marcas (tatuagens e *piercings*).

Palavras-chave:

Corpo-patrimônio, autonomia, respeito, sexualidade, responsabilidade.

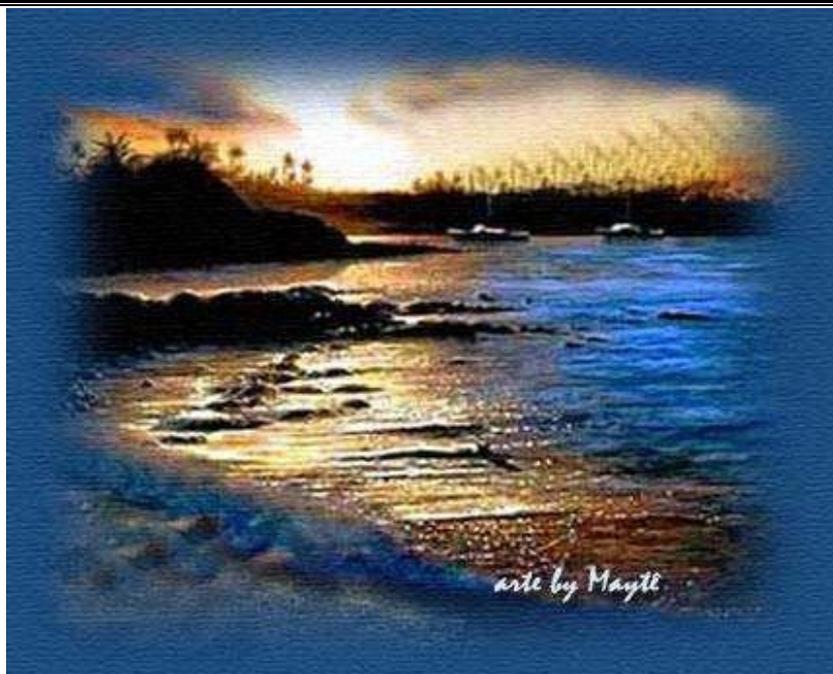
LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Cartilha utilizada em minha alfabetização.....	07
FIGURA 02: Algumas das literaturas cobradas para se fazer às leituras em minha adolescência.....	09
FIGURA 03: Vista frontal da escola via satélite	25
FIGURA 04: Vista da rua onde a escola está inserida	25
FIGURA 05: Vista frontal da escola hoje	26
FIGURA 06: Vista da quadra da escola, divisa com casas do Bairro Alvorada	26
FIGURA 07: Vista da escola na Rua Joaquim da Rosinha (hoje)	27
FIGURA 08: Vista da quadra da escola (quadra – parte inferior)	27
FIGURA 09 E 10: Adolescentes utilizando pearcing na orelha, língua e nariz	28
FIGURA 11 E 12: Adolescentes utilizando tatuagens definitivas no corpo	29
FIGURA 13 E 14: Adolescentes utilizando tatuagens feitas no corpo com caneta esferográfica e com objetos cortantes	30

ÍNDICE

1. MEMORIAL DE PERCURSO.....	06
1.1 A vida simplesmente acontece	07
1.2 Novos rumos, outra direção	08
1.3 Adolescência, pés no chão, imaginação à solta	09
1.4 Às vezes é preciso recuar para saltar	10
1.5 Para onde ir	10
1.6 Novos caminhos	12
1.7 Sobressaltos da vida	13
2. PROJETO DE TRABALHO.....	15
2.1 Apresentação do tema.....	15
2.2 Problemas de Pesquisa e Justificativa	18
2.3 Revisão teórico-conceitual	19
3. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO	23
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
5. ANEXOS 1	25
6. ANEXOS 2	27
7. ANEXOS 3	28

1. MEMORIAL DE PERCURSO



O RIO E O OCEANO

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.

Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.

Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente.

O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece.

Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano.

Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.

Assim somos nós.

Só podemos ir em frente e arriscar.

Coragem!! Avance firme e torne-se Oceano!!!

“Opte por aquilo que faz o seu coração vibrar...
Apesar de todas as conseqüências. “

Osho

1.1 – A VIDA SIMPLEMENTE ACONTECE

Meu nome é Gisele Francisca Silva Fonseca, sou Pedagoga e pretendo através deste memorial contar um pouco de minha história pessoal e profissional.

Em uma família de seis irmãos sou a quarta filha, me considero a filha do meio, pois as primogênicas são gêmeas: antes de mim veio um menino, portanto, na escala de preferências, fiquei em desvantagem, depois vieram minha irmã caçula das mulheres e meu irmão, o caçulinha de todos. Daí a classificação, muitas vezes inglória para quem ocupa este lugar. Filho do meio perde direitos que são dados aos mais velhos e aos primeiros (primeira festa, roupas novas, etc.), e em relação aos caçulas, os mesmos mimos. Mas isso não me prejudicou, tive meus momentos de glória. Diante de tal circunstância, precisei me adaptar, aprender a não esperar muito dos outros. Iniciei meus estudos aos seis anos, na pré-escola. Lembro-me que tive vontade de estudar mais cedo, havia próximo da minha casa uma escola que possuía o maternal, se chamava “Zé Colmeia”, fiquei louca para estudar, mas, numa família tão grande seria inviável gastar com uma escolarização que não fosse considerada naquela época tão necessária.

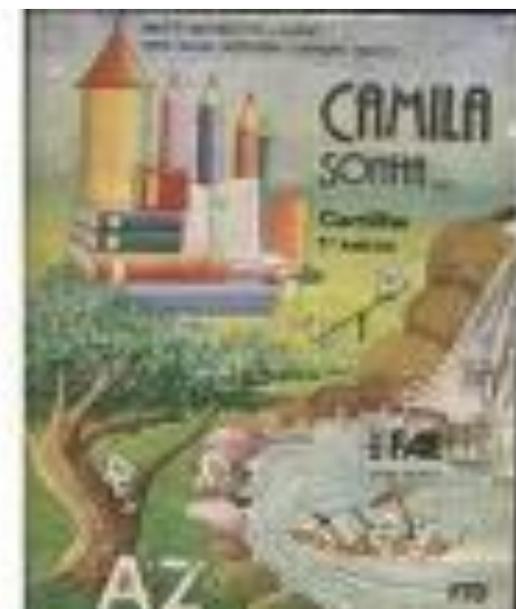


Figura 1- Cartilha utilizada em minha alfabetização

E assim fui crescendo, iniciei meus estudos na Escola Estadual “Feliciano Mendes”, aos seis anos, encantada com o mundo letrado. Alfabetizei-me na cartilha “Camila Sonha” e sonhei junto com ela. Sinceramente não entendo porque essa

nova PEDAGOGIA condena tanto tais cartilhas, “ando” para trás e não acho que tenha prejudicado minha aprendizagem em nada. Bom, tudo bem, afinal é necessário acompanhar a “bola da vez” não é mesmo!

1.2 – NOVOS RUMOS, OUTRA DIREÇÃO

A partir da 1ª série, algumas mudanças aconteceram, meus pais precisaram se mudar e fomos morar na casa de minha avó, no bairro da Matriz. Precisamos ser transferidos de escola. Na verdade a mudança ocorreu no semestre anterior e para concluir a educação Infantil, fiquei morando na casa de minha madrinha, que era próxima da escola. Foi difícil, uma criança de seis anos morar separada dos pais, mesmo que, por um pequeno período. Mas tinha o lado bom, a presença de meu primo, pouco mais velho que eu e companheiro de diversas brincadeiras: *aquaplay*, futebol de botão, batalha naval. Ficávamos horas e horas brincando. Também havia um primo mais velho, que com muita paciência, chegava do serviço e se dispunha a me ensinar a tocar violão. Foram bons momentos, apesar dos conflitos. Tenho boas lembranças dessa época: ainda posso sentir o gostinho do café com bolo servido toda noite como lanche na cozinha aquecida pelo fogão à lenha. Coisas simples, mas que para imaginação de criança, tem uma importância enorme.

Encerrado aquele ano letivo, fui morar com meus pais, na casa de minha avó paterna. Cresci em meio a pés de jabuticaba, brincadeiras de rua: rouba bandeira, queimada, casinha, bonecas, conversas ao final do dia. A rua em que morava era bastante animada, as mães e irmãs mais velhas juntavam-se às crianças nas brincadeiras. Em época de festas tradicionais, os moradores se uniam para enfeitar a rua, bandeirinhas, flâmulas e pinturas do chão e muros faziam parte da rua em época de Copa do Mundo. Estudei então no Colégio “Nossa Senhora da Piedade”, colégio regido pelas freiras da congregação do mesmo nome. Apesar de ser escola particular, naquela época, filhos de funcionários da Prefeitura possuíam bolsa integral. Convivi com adolescentes filhos da “elite” da cidade, achava estranha a maneira como alguns se comportavam acostumada a respeitar os mais velhos, achava um absurdo quando via situações de pouco caso com o ensino que lhes era ministrado. Estudei em turmas sempre cheias, chegando até a cinquenta alunos, mas a formação que recebi me valeu por toda a vida estudantil.

1.3 – ADOLESCÊNCIA, PÉS NO CHÃO, IMAGINAÇÃO À SOLTA

Lembro-me na minha adolescência os livros que me marcaram: *O Pequeno Príncipe*, *Pollyanna* e vários livros da coleção Vaga-lume. Todos possuíam um “cheiro” especial. Identificava-me com cada um dos personagens. Quem leu esses livros na infância e adolescência sabe disso.

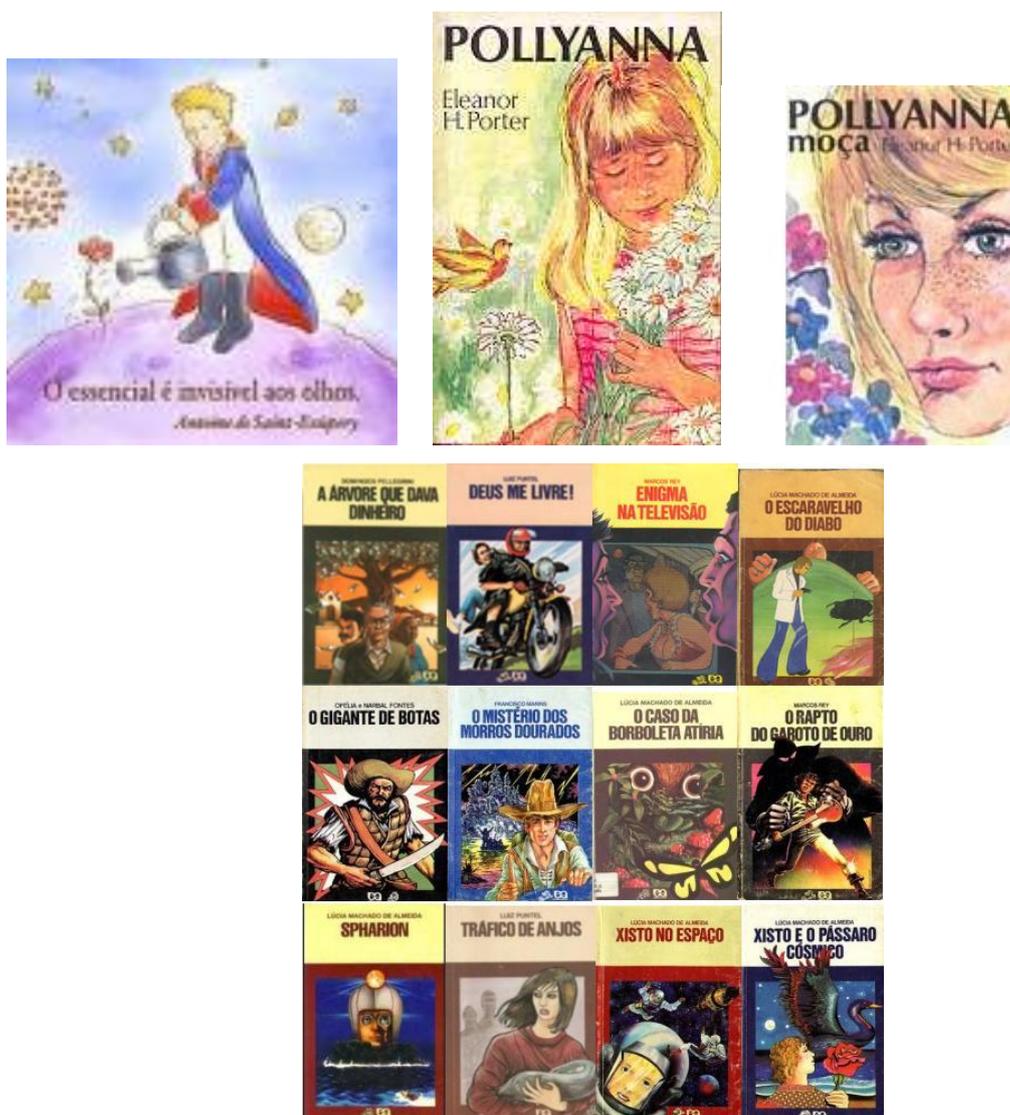


Figura 2- Algumas das literaturas cobradas para se fazer as leituras em minha adolescência

Considerados piegas por alguns, tais livros, na faixa etária em que me encontrava, auxiliaram e muito no desenvolvimento da minha imaginação, capacidade de criar e de me comunicar com os outros.

Várias amizades foram firmadas nessa fase, gostava de jogar futebol na quadra da escola, bater papo ao final da aula com os colegas no adro da Igreja

Matriz de Nossa Senhora da Conceição, vizinha do colégio. Nessa fase já selecionava meus “eleitos”, garotos com os quais poderia namorar desde que eles nunca ficassem sabendo.

As experiências escolares desse período trouxeram para meu âmbito profissional a certeza de que é necessário se envolver com seus alunos, buscando uma relação de parceria e amizade, mesmo que mantendo a ordem, respeitando suas opiniões e anseios buscando neles a consciência de que cabe a estes garantir seu envolvimento e, conseqüentemente, alcançar progressivamente um bom rendimento escolar.

1.4 – ÀS VEZES É PRECISO RECUAR PARA SALTAR

Quando fui para o segundo grau, senti o peso que muitos adolescentes sentem quando se vê diante de novas disciplinas consideradas “o bicho”. Foquei-me nelas, mas me descuidei do meu “Tendão de Aquiles”, a matemática. Apesar de meus esforços, estava diante de um professor linha dura, que não sabia reconhecer quando um aluno se supera e, por míseros dois pontos eu fui reprovada sem sequer ter a oportunidade de realizar uma recuperação. Falo isso porque hoje em dia, várias oportunidades são dadas aos alunos para que possam rever o conteúdo, garantir a qualidade da aprendizagem, mesmo que estes não reconheçam a verdadeira intenção da educação. Tive aprendizagem, mas o quantitativo não foi suficiente. Incomodou-me tanto que não quis permanecer na escola. Minha mãe atendeu meu pedido de transferência para a escola Estadual “Lamartine de Freitas”, onde me obriguei a ter notas sempre altas. Não aceitava sequer ficar na média. O repertório que possuía me valeu pelos três próximos anos, promovia grupos de estudo para ensinar e discutir com alguns colegas, novos amigos. Foi um período bastante gratificante; Nele veio o reconhecimento e o alívio pela libertação do fardo da reprovação.

1.5 – PARA ONDE IR?

Mas como eu ia dizendo, cresci, tirei o segundo grau e me deparei com o drama que aflige todos os jovens em determinado momento da vida, “O QUE EU QUERO SER...” Tal dúvida é angustiante, principalmente quando você quer fazer um curso que necessita ser em outra cidade e você tem um pai super protetor, que

prefere assumir uma postura machista e retrógrada, a ver suas filhas se afastarem e criar “asas”. Senti-me muito sufocada, não queria mais nenhum curso que não fosse o escolhido, fiquei um ano sem estudar até que uma amiga me deu um toque valioso “_ Faça o que tem aqui mesmo, o importante é você ter um terceiro grau, que poderá lhe valer como propulsor para novas oportunidades”.

Fiquei refletindo sobre a fala dela e percebi que ela tinha razão, não que eu quisesse ser professora, já que só havia o curso de pedagogia, não optei por magistério no segundo grau exatamente para não correr “risco”. Mas as palavras dela me “incomodaram”, sabia que ela tinha razão, fiquei em conflito, não era o curso que eu queria, mas, será que eu estava “condenada” a passar a vida atrás de um balcão. Iria desistir de “crescer”, concordaria com o pensamento de meu pai que dizia “_Mulher não precisa de muito estudo!”. Com certeza este foi o motivo mais forte para que eu me decidisse. Fiz minha inscrição no vestibular, me preparei, fui aprovada e dei início ao curso de Pedagogia Pela “Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Congonhas”, uma extensão da FAFI-BH. Fiquei encantada com o clima diferente, outras propostas, outros discursos, novas posturas. É claro que foram puxados estes momentos, muitos trabalhos a fazer... E comecei a cair no mundo da educação, agora como protagonista, estágios foram garantidos já como trabalho, contratos assumidos nas escolas do Estado e prefeitura. Para me manter na faculdade, além de trabalhar no comércio, comecei a pegar algumas substituições, momentos difíceis, mensalidades altas, cheguei a trancar matrícula para tomar “fôlego” e conseguir pagar, depois ia completando disciplinas.

Você deve se lembrar do meu discurso inicial sou a filha do meio, e como tal classificação traz alguns conflitos, não tive apoio dos meus pais por muito tempo. Foi necessário ralar muito, mas, finalmente em 1993 me formei em Pedagogia, neste mesmo ano me casei, mas já pertencia à educação.

Com o curso foi inevitável não se envolver com o mundo escolar, que aos poucos conquistando espaço na minha vida passei a sentir prazer no que eu fazia. Larguei o comércio e assumi a vida profissional de uma professora. Sempre me adaptei as realidades oferecidas pela vida (talvez por ser a filha do meio). Investi mais na minha profissão, me especializei na área da educação, sou pós-graduada como Psicopedagoga pelo Instituto IESDG _ Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino pela UCB _ Universidade Castelo Branco, em Educação Infantil pelo

CEPEMG _Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais e Gestão Escolar pelo Pitágoras.

Trabalhei em vários segmentos da educação, mas me encontrei na Educação Infantil na Escola Municipal “Engenheiro Oscar Weinschenck”, onde tive turmas sempre cheias - trinta alunos em média. Esse montante para turmas de quatro e cinco anos hoje é considerado um absurdo. Nessa mesma época passei no concurso da Prefeitura de Conselheiro Lafaiete e iniciei um trabalho com turmas de EJA – ensino de Jovens e Adultos, à noite. Comecei sozinha, na Escola Municipal “Fernando Marinho”. Minha turma foi crescendo, chegando a cinquenta alunos que embora não acreditassem que chegariam ao final do ano, eram frequentes e colocaram mais duas professoras para dividirmos a turma. Foi um período de muitas vitórias. Era gratificante ver como eles possuíam vontade de aprender. Porém foi também no período que tive meu segundo filho, meu mais velho tinha seis anos, também muito pequeno ainda, sentia remorso de deixá-los tanto tempo já que trabalhava tarde e noite. Veio o inesperado, tive problemas com as cordas vocais, chegava a ficar sem fala ao final do dia, até que me afastei por um ano para tratamento. Quando voltei já não podia mais ficar em sala de aula. Quanto ao EJA, tive que escolher, pois passei no concurso para Pedagoga aqui na minha cidade e fiz a opção de dobrar aqui mesmo para ficar mais próxima de meus filhos.

1.6 – NOVOS CAMINHOS

Hoje trabalho como Pedagoga e gosto do que faço: envolvo-me muito com as crianças, jovens e adultos com os quais lido diariamente. Trabalho na Escola Municipal “Rosália Andrade da Glória”, onde cumpro meus dois cargos, pedagoga e PEB I (fora de sala) exercendo a função de apoio pedagógico. Novos desafios vão sendo criados. No momento estamos tentando implantar o Projeto do Governo “Mais Educação”, que propõe a escola em tempo integral. Queremos desenvolver o programa à princípio com um grupo de 200 alunos de 6º ao 9º ano. A escola em que trabalho, encontra-se situada em uma comunidade carente e os alunos sempre que podem procuram a escola em horário alternado. Gostam de estar lá e se envolvem com todas as atividades extraclases, festas e eventos.

Posso dizer que não escolhi ser educadora, mas a educação me escolheu e a partir daí me adaptei e trabalho com prazer.

1.7 – SOBRESSALTOS DA VIDA

“O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim em nossa atitude com relação a elas.”

Antoine de Saint-Exupéry

Mesmo após ter realizado três cursos de pós-graduação, me vi diante da oportunidade de realizar esta especialização. A princípio confesso que os motivos que me levaram a optar por fazê-la estavam mais voltados para o intuito de incentivar meu professorado, mas também tinha interesse em me aprofundar nas questões da Educação Ambiental e Patrimonial. Meu receio estava mais voltado para a questão do tempo e a necessidade de se dedicar, uma vez que, com certeza, uma pós-graduação oferecida pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG exigiria uma demanda grande de pesquisa e trabalhos. Por ter dois cargos, participo de uma jornada de trabalho bem extensa que compreende dez horas por dia, mais deslocamento, horário de almoço, enfim, treze horas no mínimo. Sem falar nas exigências familiares, tenho dois filhos, um com quatorze anos e outro com oito, idades bem diferentes e com necessidades peculiares também. Não consegui me acertar com empregada, tinha a rotina das crianças, escola, esporte, um turbilhão de exigências do dia a dia. Pra piorar me vi com diabetes, mudança alimentar, a necessidade de fazer atividades físicas. Preocupei-me muito com os meninos, que também começaram a apresentar resultados de exames de saúde nada satisfatórios. E ainda, para piorar a situação, meu mais novo começou a dar trabalho na escola, brigas, não aceitação da nova professora. Tudo apontava para minha ausência em casa, como se fosse opcional. Ele também começou a não conseguir controlar o esfíncter, o que foi difícil de tratar. Embora confesse que também fico frustrada com essas situações quanto a não acompanhar de pertinho, mas, me revolta a ideia de que somos consideradas “culpadas” de todos os problemas que envolvem os filhos. Não os vejo como “marionetes” controladas pelos pais, não acredito que filhos que tem as mães em casa a todo o momento são mais realizados e bem sucedidos. Além de todos esses problemas, descobri que possuía hipotireoidismo, novas necessidades surgiram. Enfim, não tem sido muito fácil, mas não desisti. Sempre me preocupei com a minha formação e a buscar novas maneiras de enxergar a vida. E foi o que aconteceu, pude me deparar com um grande leque de novidades, até então não via o patrimônio desta maneira que os professores tão

bem nos repassaram. De uma maneira geral, pensava em patrimônio como monumentos edificadas ao longo do tempo. Constatei que realmente um está ligado ao outro, preservar o patrimônio está para preservar o ambiente.

Em nome da ciência, da razão ou da técnica, acaba-se por retirar da maioria a possibilidade de um saber – fazer: destroem-se experiências, eliminam propostas e projetos em construção. As tradições populares são subjugadas a outras tantas tradições “inventadas” (HOBBSAWM). Tais considerações nos leva a pensar que toda a forma de linguagem e expressão de grupos constitui o patrimônio deste.

Com base nas minhas reflexões, ao pensar em meu trabalho, achei necessário primeiro contemplar a autoestima de cada um: como pensar em conservar patrimônio se observo em alguns jovens, atitudes de desvalorização do próprio corpo? Decidi utilizar o tema “corpo” como foco de trabalho. É necessário gostar de si próprio antes de gostar de qualquer outra coisa, visível ou não.

Sei que ainda há muito que fazer, mas agradeço ter a oportunidade de poder “fazer a diferença” na vida desses jovens que estão sempre por perto: os alunos da escola sempre procuram a minha sala, às vezes para reclamar de algo, às vezes à procura de um alento para problemas que não dão conta de resolverem sozinhos, mas, também para contar novidades vivenciadas, ao até mesmo só para me ver e desejar bom dia. Sinto que eles se sentem seguros na escola, protegidos e, conseqüentemente, o retorno acontece se esforçam mais na busca de seu sucesso escolar.

2. PROJETO DE TRABALHO

2.1 Apresentação do tema

Baseado nos estudos do que vem a ser Educação Ambiental e Patrimonial, entendo que a valorização pessoal facilita o entendimento da necessidade de se preservar todo o contexto que nos rodeiam. Pessoas mais conscientes de seu papel na sociedade, das consequências de seus atos e decisões, podem realizar ações mais alinhadas com os interesses coletivos, que irão repercutir positivamente na comunidade.

Quando se fala em sexualidade é comum o tema ser encarado pela sociedade como um "tabu", principalmente quando se fala do adolescente: sua intimidade, desejos sexuais, ou simplesmente, a curiosidade que é normal dessa fase da vida em que ele se encontra.

Segundo OSÓRIO (1992), a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo, como um elemento estruturador da identidade do adolescente.

Realizando uma análise histórica é fácil perceber a dificuldade de se falar sobre o assunto. Durante muitas décadas, o amor romântico manteve associado ao casamento e à maternidade, reforçando a idéia de que o verdadeiro amor uma vez encontrado é para sempre.

Para GOLDBERG (1984), no Brasil-colônia a Igreja Católica, para combater o concubinato (forma de união predominantemente nas camadas rurais e populares), defende a família patriarcal, como o principal modelo de poder na organização familiar, em que só se admitia o desejo e o prazer sexual do homem fora do lar com prostitutas ou mulheres pobres (brancas, negras, índias e mestiças). Por isso elas se tornavam a companheira sexual preferida para o homem branco e também para a iniciação sexual dos meninos.

Para PARKER (1991), o patriarcalismo no Brasil não foi simplesmente uma forma de organização familiar e social, foi também uma construção ideológica, onde os conceitos de homem e mulher foram definidos em termos de oposição: o homem como um ser forte, superior, ativo, viril e com potencial para a violência; e, em contrapartida, a mulher como um ser inferior em todos os sentidos: mais fraca, mais bela e desejada, mas de qualquer forma, e em qualquer posição social, sujeita à absoluta dominação masculina. Essa diferenciação extremada, segundo Parker

(1991), “(...) *carregava consigo um dualismo moral explícito, que contribuiu para legitimar e reforçar a ordem aparentemente natural de hierarquia de gênero*” (PARKER, 1991, p. 58).

Essas ideias não mudaram muito frente às mais variadas camadas sociais de hoje: as mulheres em tais grupos ainda sofrem esse tipo de preconceito. A herança patriarcal afeta e influencia a maneira como os homens hoje vivem as relações familiares e visualizam o meio social.

Por outro lado, CONCEIÇÃO (1988) afirma que, tanto para homens como para mulheres, a educação sexual sempre foi ostensivamente repressora. As regras sociais vigentes só aceitavam, para os jovens, o exercício da sexualidade dentro do matrimônio e, mesmo assim, limitado à reprodução.

Tal cenário se manteve até os anos de 1950-1960 onde aconteceu a “Revolução Sexual”, movimento europeu que repercutiu no Brasil uma reflexão social sobre a sexualidade masculina e feminina.

A escola não pode encarar este assunto de forma “banalizada”. É necessário falar abertamente sobre o tema, mesmo que ele seja, por vezes, considerado um tema constrangedor para muitos. Há que se admitirem as diferenças, a diversidade, seja ela de caráter religioso, cultural, social e/ou sexual.

Diante do exposto, o presente trabalho busca uma abordagem sobre o assunto, fazendo algumas reflexões sobre quais orientações de educação sexual devem ser abordados na escola, colocando em pauta valores, objetivos e conteúdos necessários para que se possa incluir a educação sexual no cotidiano escolar, principalmente no que tange ao cuidado com o nosso maior patrimônio: o corpo. Nesse sentido, o corpo é patrimônio: fala de nosso individual, de nosso pessoal, de nossa personalidade em coletividade. Tais considerações nos leva a pensar que toda a forma de linguagem e expressão de grupos constitui um patrimônio cultural imaterial deste grupo.

Nessa perspectiva, falar da sexualidade humana é tomá-la como atividade natural no processo de desenvolvimento do ser humano, mas, sua prática inconsciente e/ou irresponsável pode trazer consequências desastrosas, especialmente ao adolescente que se encontra diante de tantas dúvidas sobre a vida e o viver.

A escola onde o projeto será desenvolvido é a Escola Municipal “Rosália Andrade da Glória” que atende a Educação Infantil (04 e 05 anos), Ensino Fundamental I e II (1º ao 9º Anos) e EJA. A comunidade escolar, em sua maioria, possui baixa renda, sendo que um grande contingente de alunos é atendido pelo ‘Programa Bolsa Família’ do governo federal. É caracterizada, portanto, por ser um contingente expressivo de estudantes carentes.

São objetivos desta pesquisa:

➤ Contribuir para que o estudante das séries finais do ensino fundamental perceba a necessidade de conhecer seu corpo, valorizar e respeitar seus limites, identificando-o como seu maior patrimônio.

São objetivos específicos:

- ▶ Difundir o conceito de patrimônio para que o adolescente, através da apropriação deste, saiba valorizar seu corpo como parte de si próprios;
- ▶ Evidenciar a importância do conhecimento do corpo para promover o bem estar físico e emocional dos adolescentes e jovens adultos;
- ▶ Esclarecer que a automutilação agride o corpo deixando marcas permanentes;
- ▶ Reconhecer a importância e eficácia de uma educação para uma sexualidade plena;
- ▶ Conhecer os direitos reprodutivos de todo ser humano juntamente com seus deveres.

A curiosidade em torno do corpo, dos órgãos sexuais, da reprodução, da escolha, do desejo, do limite, precisa ser preenchida com conhecimentos adequados a serem construídos de acordo com cada uma das faixas etárias: isto significa dar importância às particularidades de cada um no momento certo. Alguns temas, no entanto, são mais gerais e de suma importância ao se tratar da sexualidade humana particularmente no contexto da Escola Municipal Rosária Andrade da Glória. A título de exemplo citam-se os principais cuidados que se deve ter com higiene, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e como lidamos com sua prevenção, uso de contraceptivos, limites para a intimidade, emoções, vontades, maturidade, responsabilidade, respeito ao corpo e a mente perpassam esse projeto. O diálogo é a ferramenta de mediação e interlocução entre a executora do projeto e os adolescentes assim como as fotografias dessas iconografias.

Pretendo, portanto, estabelecer semanalmente um encontro coletivo de sessenta minutos ou mais (quando necessário) nos turnos da tarde e noite (estudantes do Ensino Fundamental II, particularmente as turmas de 8ª a 9ª séries) para estabelecer um roteiro de exposições e diálogos em torno dos temas propostos e dúvidas que forem levantadas nas classes durante o processo de diálogo. Para atingir tal objetivo pretendo fazer uso de aulas expositivas, de palestras de visitantes, de exposição de filmes ilustrativos sobre o tema (científicos ou não) seguidos de debates e análises dos mesmos em roda de conversas, além de entrevistas com os grupos de adolescentes que fazem uso das marcas no corpo como simbologia e/ou registro de uma sexualidade transgressora do patrimônio corpo, que se realizarão com os alunos Escola Municipal “Rosália Andrade da Glória”.

2.2 Problemas de Pesquisa e Justificativa

Tomando como referência o expressivo aumento no número de adolescentes grávidas ocorridas na escola nos últimos anos, além dos frequentes casos de crianças utilizando quaisquer objetos como *piercings*, nas orelhas, umbigo, língua entre outros pontos e a impressão de símbolos, nomes e frases curtas na pele com a utilização de ponta de lápis ou outros objetos cortantes, me motivaram a desenvolver esse trabalho. Com base nessas reflexões e na minha experiência profissional como pedagoga, considero importante tomar como guia central deste trabalho a noção de autoestima de um grupo de adolescentes da Escola Municipal “Rosália Andrade da Glória”, referencial para pensar as marcas do corpo (as visíveis e as invisíveis) como patrimônio cultural na simbologia sobre a sexualidade do adolescente: como entender tais iconografias? Como conservar esse patrimônio sociocultural quando se observa em alguns jovens, atitudes de desvalorização do próprio corpo? Existe sem dúvida uma ausência profunda de referenciais positivos sobre a sexualidade em geral, o amor e o amar na adolescência nesse grupo de adolescentes que estarei estudando.

Decidi utilizar o tema “corpo” como foco deste trabalho, uma vez que se torna um eixo de discussão forte dentro das escolas e entre adolescentes não só pelas orientações e/ou diretrizes dos parâmetros curriculares nacional, mas, por ser um tema de expressiva relevância para a discussão desse patrimônio cultural – o corpo.

É necessário, pois, gostar de si próprio antes de gostar de qualquer outra coisa, visível ou não.

Ao realizar palestras, entrevistas e ao elaborar um registro fotográfico sobre tais situações na escola este trabalho pretende criar um instrumento de pesquisa e análise, que poderá ser largamente utilizado por professores e alunos, para esclarecimentos e estudo dos problemas que atingem os adolescentes, não só desta comunidade, mas de outras de modo geral. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em ação que pretende motivar o adolescente a mostrar confiança na sua pessoa, nas suas escolhas, uma vez melhor enxergar a pessoa que esta se transformando. Assistir a um filme, por exemplo, não será meramente tomado como um *passa tempo* na escola. Deve exigir uma reflexão sobre quem fala no filme, o que se fala e sobre o quê, em que o filme aproxima de minha vida, o que não gostei no filme, o que mais gostei e por que, e qual final esperava no filme, enfim, estimular o dialogo é fazer o adolescente se ver respeitados como pessoa e jovens cidadãos que são. Tais procedimentos visam estimular da mesma forma a autoestima desses adolescentes.

2.3 Revisão Teórico-Conceitual

Segundo SALES (1988), os pais da década atual foram os adolescentes de um período de grandes transformações: vivenciaram, de diferentes maneiras, o movimento da revolução cultural em torno do modelo de sexualidade estabelecido pela sociedade burguesa e que influenciaram suas visões de mundo. De certa forma, esse processo intenso de mudança, para o autor, deixou uma geração inteira insegura entre dois extremos: ou se vivia de forma casta ou se demandava diante da própria vida sexual ao se ver os rígidos padrões morais de sua infância serem derrubados pelas rápidas transformações que ocorriam, sem que houvesse tempo para a elaboração e modificação da realidade interna de cada um.

É inevitável reconhecer que essas experiências produziram adultos de um tipo especial, mais psicologizados, pois, levam em conta que nem sempre as relações humanas obedecem às regras sociais; muitas vezes, elas são movidas por desejos. Querem que os filhos sejam mais felizes do que eles próprios, mas não estão seguros de como transmitir isso (TIBA, 1986).

Para o Tiba (1986), talvez a principal explicação para esse antagonismo é que o discurso liberal e a psicologização instalou-se na superfície, na periferia da personalidade desses pais, ao passo que a educação e os valores que receberam durante a infância e juventude permanecem gravados, quase intactos, numa região mais profunda de sua personalidade. Tais camadas se alteram durante a educação dos filhos. Quando chega a adolescência e se apresentam questões mais sérias, como a sexualidade, a camada mais profunda entra em ação e acabam repetindo as mesmas atitudes que condenaram seus pais.

De fato, no campo da sexualidade, não há como evitar que os pais tenham conflitos e dúvidas na criação de seus filhos. Como aceitar as várias mudanças comportamentais que os adolescentes estão expostos, já que as mudanças vivenciadas pelos pais ainda não foram totalmente absorvidas? Por outro lado, os jovens adolescentes atualmente estão começando a manifestar sua sexualidade cada vez mais precocemente, e estão, ao mesmo tempo, tentando se estabelecer como cidadãos que vivem em sociedade. Estes jovens são igualmente “bombardeados” e influenciados de várias formas: televisão, *internet*, rádio, revistas especializadas, entre outros meios a experimentarem a vida sexual. Segundo RAPPAPORT (1995), “(...) *por muitas razões (falta de comunicações, cobrança dos grupos, mensagens transmitidas e incentivadas pelos meios de comunicação de massa, falta de diálogo com os pais, solidão, etc.), é freqüente o início de uma vida sexual precoce.*” (RAPPAPORT, 1995, p. 48). Da mesma forma, o mundo capitalista valoriza o culto exagerado ao corpo. O corpo tem sido a vitrine das seduções, representado como objeto de prazer e de realizações sexuais. Capital e sexo são os maiores prazeres do mundo atual ocidental. É possível estabelecer nos adolescentes tão expostos as apelações precoces para a vida sexual, novos referenciais para uma sexualidade mais sadia pautada no/pelo afeto?

LOPES e MAIA (1993) referem-se a uma tendência na diminuição da idade da primeira relação sexual. No Brasil, a idade média é de 16,9 anos para as meninas e 15 anos para os meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção, por exemplo, ou as doenças sexualmente transmitidas. Segundo esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24 anos já viveu uma gravidez, sendo que a mesma foi indesejada para 40% dessas jovens.

Este jovem ainda estará submetido a um sistema de normas e valores preestabelecidos, onde o sexo é encarado como o ato principal do prazer, e não há uma preocupação com sua prática, não havendo o uso de preservativos nas relações sexuais. Isto poderá ocasionar precocidade sexual, gravidez indesejada, a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis e uma série de outros acontecimentos que irão colocar em risco a vida no sentido físico e psíquico. É necessário ressaltar aqui o sentimento de “onipotência”, um sentimento próprio dos adolescentes e que os levam a imaginar que com eles “nunca vai acontecer” e que estão imunes a qualquer perigo.

De acordo com a pesquisa realizada por ARRUDA (1992), fica evidente que os jovens pouco recebem informações sobre a sexualidade, ficando, muitas vezes limitados às informações dos amigos, revistas populares e mídias.

Nesse contexto de intensas adversidades sociais, os adolescentes da Escola Municipal Rosária Andrade da Glória refletem a profunda dificuldade que têm para lidar de maneira afirmativa com o próprio corpo. Assim as muitas e variadas *cicatrices* dos adolescentes me remetem a construção de registros iconográficos, produto pedagógico, que dialoga com princípios identificados em trabalhos de Rosângela Rennó¹, particularmente o último conjunto de intervenções fotográficas que denominou *cicatrices*². Nessa instalação artística Rennó resgata as marcas ou *cicatrices* dos presos do Carandiru *cicatricizadas* na pele. Nelas os traços e *cicatrices* são textos

“(…) de *Cicatriz* partem da obsessão geral da artista para com (o tema) de fotografia, ao permitir que a palavra escrita amplie os parâmetros do campo visual da câmera. Enquanto que as fotografias enfocam de perto as tatuagens, amputando visualmente do corpo integral braços, mãos, ou peitos, os segmentos textuais têm o efeito contrário: o de magnificar o contexto social geral e, com isso, reproduzir as repercussões de nossas ações humanas numa escala global (revelando-se, portanto, a significação da variedade linguística dos textos)” (HARRISON, p. 49-50).

¹ Rosângela Rennó, artista plástica, nasceu em Belo Horizonte no ano de 1962. Com formação artística iniciada na *Escola de Artes Visuais do Parque Lage*, graduou-se em arquitetura pela *Universidade Federal de Minas Gerais* e *Artes Plásticas pela Escola Guignard* em Belo Horizonte. Obteve o grau de doutora em artes pela *Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo*. A artista é referencia mundial em imagem fotografia e suas ressignificações.

² *Cicatriz* é um conjunto de instalações de resgate fotográfico feito entre os anos de 1996 e 2003, na Penitenciária Estadual de São Paulo, no espaço Carandiru.

Essa artista é um misto de arquivista estética cujo trabalho evoca em seus retratos os complexos comportamentos sociais. Portanto, é também uma ativista política quando invoca o espectador a pensar, a ter reações estéticas e/ou éticas sobre o que vê. O papel social de Rosangela Rennó como artista é o envolvimento do público para um desvendamento do esquecimento coletivo do indivíduo.

Os projetos artísticos de Rennó chamam o espectador para o *diálogo* a partir do qual o visual clama pela responsabilidade social de nossas ações individuais e/ou profissionais em torno de determinadas temáticas. Dessa maneira provoca em nós o desassossego diante de nossa fragilidade coletiva para a compaixão e compreensão pelo outro socialmente invisível no âmbito das instituições.

Diante do exposto, faz-se necessário estimular as famílias no processo de compreensão e participação nesse momento tão próprio da adolescência, como igualmente, a escola tratar coerentemente e profundamente os assuntos relativos às questões da sexualidade, construindo noções de cuidados que se devem ter consigo e com o outro mediados pelo corpo, tirando da *amnésia social* e institucional o lugar invisível do adolescente e seus conflitos no contexto das escolas públicas de periferia. As iconografias, cicatrizes e tatuagens nesse universo são em si, a fala das marcas do desvio na sexualidade dos adolescentes pesquisados, e do mesmo modo, um apelo ao suscitar as emoções humanas mais profundas sobre o amor e o que é o amar, a fidelidade e a liberdade nesses jovens.

A maioria dos comportamentos do adolescente, no nosso entendimento, não deve ser motivo de preocupação, mas de conversa, diálogo. Como as emoções ficam estocadas o corpo, uma possibilidade para compreender parte dos pensamentos dos adolescentes da Escola Municipal Rosália Andrade da Glória é analisar a linguagem dos registros que têm feito no corpo: iconografias que traduzem os sinais do que está em acontecimento: a muitas cicatrizes.

3. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO

O produto final deste trabalho será a confecção de um portfólio com um conjunto de fotografias contendo imagens dos corpos adolescentes marcados por objetos cortantes e perfurantes, das cicatrizes, dos símbolos e das iconografias tais como tatuagens e/ou *piercings* que, frequentemente na Escola Municipal Rosália Andrade da Glória expressa imagens da paixão por meio da mutilação, apropriação e/ou transgressão da sexualidade no corpo adolescente.

A construção visual desse projeto é dessa maneira, inspirada parcialmente em elementos do trabalho de Rosângela Rennó, particularmente cicatrizes. A artista provoca no espectador a não leitura linear da imagem límpida, mas, a partir de um texto que procura traduzir a própria imagem a outra imagem reconstruída.

Com essa proposição serão referenciados ambos os gêneros da Escola Municipal Rosália Andrade da Glória com breves registros e/ou questionamentos dos adolescentes sobre as ações, descobertas da sexualidade em geral, das dúvidas e receios, da aceitação ou não da família em relação à concepção não planejada e às vezes não desejada e que expressam as experiências precoces e imaturas em torno das manifestações da sexualidade vivenciada pelos jovens adolescentes daquela escola. Por ser um produto visual, sua compreensão se dá na forma das imagens e breves trechos de depoimentos na linguagem própria dos adolescentes *linkadas* pelas linhas de uma pipa, que pretende ser a única ligação do público com a inocência infantil ora perdida ora presente no adolescente, um meio para escapar da violência, das arbitrariedades e da cumplicidade cega da sociedade em relação à invisibilidade desses jovens. Pretende-se nesse projeto fazer vivas as imagens documentadas, preservando-se evidentemente as identidades dos jovens adolescentes. Desse modo, quero expor essa realidade viva, e tocar numa ferida ainda em aberto vivida cotidianamente nas escolas públicas, e refletir melhor sobre nosso papel de educadores. Essa é a primeira etapa desse projeto que se pretende permanente na Escola Municipal Rosália Andrade da Glória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, A. Sexualidade e informação: recado dos jovens paraibanos. In: PAIVA, V. (org.). *Em tempos de Aids*. São Paulo: Sumus, 1992. p.139 -144.
- BRITES, Olga. Memória, preservação, tradições populares. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1992.
- CANO, M. Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Sexualidade na Adolescência: Um estudo bibliográfico. *Revista Latino Americana. Enfermagem, Ribeirão Preto* v.8 , n.2 , p. 18 – 24, abril 2000.
- CONCEIÇÃO, I. S. C. Educação Sexual. In: VITIELLO, N ET AL. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988. p. 71 – 76.
- FENELON, Déa Ribeiro. Políticas públicas e patrimônio histórico. In: *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1992.
- GOLDBERG, M. A. A. *Educação Sexual: uma proposta, um desafio*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- HARRISON, Margarite Itamar. Lamentando o esquecimento da memória: as instalações fotográficas de Rosangela Rennó. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Direitos Humanos*, n. 33, p. 37-58, 2007.
- LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestante adolescente de baixa renda. *Revista. Sexologia*, v.2, n.1, p.30 – 33, jan/jul, 1993.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médica, 1992.
- PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a Adolescência*. São Paulo: Ática, 1995.
- SALES, J. M. de. *Os pais dos adolescentes hoje*. São Paulo: Roca, 1988. p. 29-34
- SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 17a. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991. 407p.
- TIBA, I. *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: 1986. 236 p.

ANEXO 1



Figura 03 – Vista frontal da escola via satélite



Figura 04 – Vista da rua onde a escola está inserida



Figura 05 – Vista frontal da escola hoje



Figura 06 – Vista da quadra da escola, divisa com casas do Bairro Alvorada

ANEXO 2



Figura 07 – Vista da escola na Rua Joaquim da Rosinha (hoje)



Figura 08 – Vista da quadra da escola (quadra – parte inferior)

ANEXO 3



Figura 9

Figuras 9 e 10 - Adolescentes utilizando pearcing na orelha, língua e nariz

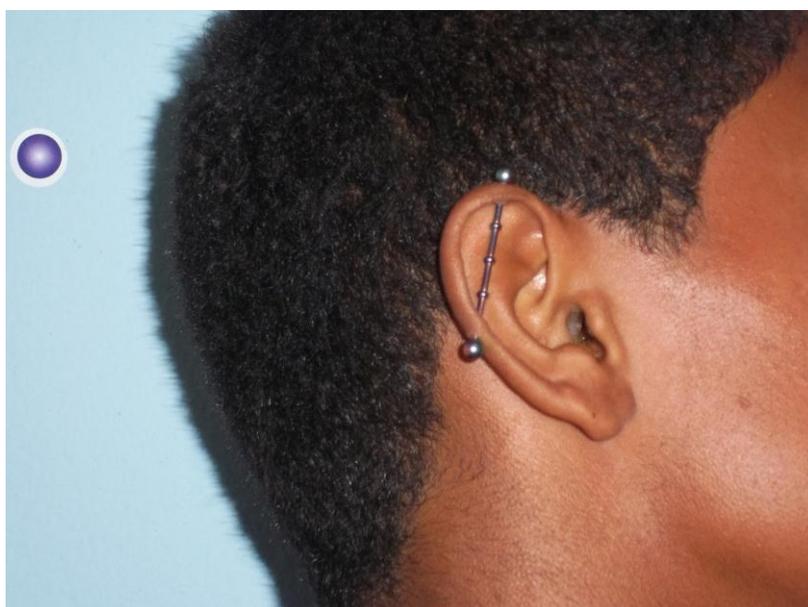


Figura 10



Figura 11

Figuras 11 e 12 - Adolescentes utilizando tatuagens definitivas no corpo

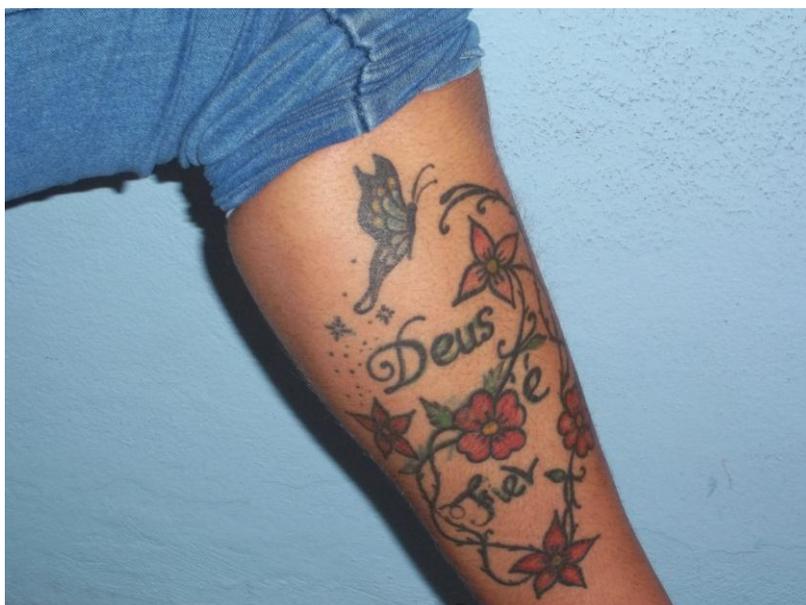


Figura 12



Figura 13

Figuras 13 e 14 - Adolescentes utilizando tatuagens feitas no corpo com caneta esferográfica e com objetos cortantes



Figura 14